

um conto de **PEDRO POEIRA**

ADIVINHA QUEM NÃO VOLTOU PRA CASA?

Um dia, as pessoas que amamos
seguirão seus próprios caminhos.



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Adivinha quem não voltou pra casa?

Pedro Poeira

Direitos autorais © 2020 Pedro Poeira

Todos os direitos reservados

EDIÇÃO: Mariana Dal Chico

DESIGN DE CAPA: Marcus Pallas

REVISÃO DE TEXTO: João Santos

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

um conto de **PEDRO POEIRA**

ADIVINHA QUEM NÃO VOLTOU PRA CASA?

**Um dia, as pessoas que amamos
seguirão seus próprios caminhos.**

Murilo

Murilo acha de grande consideração comprar o café-da-manhã para a mãe e a irmã naquele domingo. Passa na padaria em frente à estação de trem, compra pão, mortadela, e uma caixa de leite, só por garantia. Carrega tudo no braço ao descer da perua, gingando o corpo suado e cansado de tanto dançar em uma casa noturna na rua Augusta ladeira acima até chegar à sua rua. Murilo se embanana todo na hora de abrir o portão, derrubando a chave duas vezes até, com um suspiro frustrado, prensar o pacote de pão e mortadela contra o portão e encaixar a chave na fechadura.

A casa está quieta. São quase seis da manhã. A mãe e a irmã estão dormindo, ele tem certeza. Matilda, a gata siamesa, se estica no sofá assim que o vê. Ela o acompanha até a cozinha, se esfregando em suas pernas até o rapaz encher seu potinho de ração.

Ele está tão cansado que pensa em pular o banho e ir direto para a cama, mas sabe que a mãe desataria um monólogo de aproximadamente quinze minutos ao ver os lençóis limpos de volta à máquina de lavar.

Cuidando os passos para não fazer muito barulho, Murilo sobe as escadas e segue o corredor para o quarto. A porta do quarto de Melissa está aberta, a TV ligada lançando luzes coloridas no rosto pacífico da irmã mais nova, embrulhada em suas cobertas.

— Ei — ela diz, abrindo os olhos ao ouvir o clique da porta do quarto de Murilo, a voz grogue. Ele volta o rosto cansado para a irmã, arranhando um “hmmm”. — Chegou agora?

— Cheguei — responde ele.

— Adivinha quem não voltou pra casa? — retruca a mais nova, encolhida debaixo do edredom cor-de-rosa. Melissa diz o que diz calmamente, como quem pergunta “Você viu meu celular?” antes de perceber que o aparelho estava bem na sua frente.

— A mãe não voltou ainda? — Murilo pergunta, apoiando-se no batente da porta e sentindo os músculos dos braços doerem.

— Não.

— Hmmm. Deve estar no bingo.

— Não, ela tá nas maquininhas.

— Ela te ligou?

— Ela esqueceu o celular em casa.

— Tá, mas ela ligou?

— Não.

Murilo pisca, e demora mais do que os nanosegundos que levaria normalmente para abrir os olhos. Está tão cansado!

— Daqui a pouco ela aparece. — Ele assente para a irmã, porém, em meio à confusão em seu cérebro, não acha que ela pode vê-lo, então completa: — Tem pão e mortadela lá embaixo.

— Beleza.

Murilo não se demora muito no quarto, tem medo de pegar no sono. Deixa a carteira e o celular sobre a cômoda ao lado da cama e cruza o corredor, passando pela porta aberta de Melissa, até o banheiro. Enquanto a água esquenta, ele admira o corpo magro, nu, o peito, a barriga e a virilha depilados pelo costume de sair. Não que tenha saído na intenção de arrastar alguém para o banheiro da balada ou dar um perdido nos amigos em alguns dos motéis próximos — especialmente quando insistiram em sair e comemorar a última conquista do rapaz —, mas Murilo era um garoto precavido. O banho quente ajudou a relaxar os músculos doloridos. Fazia tanto tempo que não saía para dançar que seu corpo havia se esquecido da sensação.

Sequer se deu ao trabalho de vestir roupa, deitou na cama com a toalha enrolada na cintura e puxou o celular da cômoda. Desligou o alarme diário, deu uma última olhada no Instagram e no Twitter — não no Facebook, aquilo ali já está condenado ao esquecimento — e hesitou, o dedo sobre o botão de bloqueio de tela. Claro que a mãe estava no caça-níquel clandestino, onde mais ela estaria? Queria mandar uma mensagem, só para confirmar, mas se lembrou que a mãe havia esquecido o celular em casa. Logo ela estaria de volta. Ela sempre ia à missa das nove. Quando acordasse, a mãe já estaria de volta. Claro que estaria.

Às sete e dezessete da manhã, Murilo acorda com uma ligação da própria irmã.

— Tá acordado? — ela pergunta quando ele atende.

— Nã... — ele balbucia.

— A Celina ligou perguntando se mãe não ia pra igreja.

Murilo ouve a respiração de Melissa na saída de áudio do aparelho, incapaz de distinguir se aquilo é real ou se continua sonhando que está jogando strip poker com Henry Cavill em um balão de ar quente. Henry acabara de perder uma rodada.

— Cê tá aí ainda?

Cada vez mais distante do torso musculoso e coberto de pelos dos seus sonhos, Murilo se vê obrigado a responder que sim, está sim, bufando ao afastar as cobertas.

— A missa não começa às nove? — ele contesta, a fúria de um sono interrompido dando os primeiros sinais.

— É, mas a mãe prometeu ajudar a levar as cestas básicas pra lá. A Celina está esperando faz uns quinze minutos.

Murilo bufa. Melissa bufa.

Do andar de baixo, uma música eletrônica toca na televisão, e Murilo acha que é cedo demais para alguém estar ouvindo música.

Melissa bufa.

— E aí? — insiste ela.

— Sei lá, diz pra ela chamar um Uber.

— A dona Celina é uma senhora aposentada.

— E...?

— Murilo, ela não sabe o que é um Uber.

— Então chama você um Uber pra ela.

— Inferno.

— Olha a blasfêmia.

Para sua decepção, ele não consegue voltar a dormir depois de desligar o telefonema, por mais que tente. A noite na balada, a imagem do astro do cinema seminu e o pouco tempo de sono deixam os músculos do seu corpo enrijecidos. Murilo veste uma camiseta velha do Taz — aquela com um buraco na axila direita que já pediu para a mãe consertar, sem sucesso —, vacilando diante da dor muscular, e um calção esportivo.

Melissa divide o sofá da sala com Matilda, a gata, as duas esparramadas. Melissa assiste a clipes de música no YouTube, uma tigela de cereal apoiada em uma almofada no colo, e desliza o dedo pela tela do celular.

Ao dar pela presença do irmão, ela pega o controle da TV com a mão livre e abaixa o volume.

— O que você disse? — pergunta ela, sem tirar os olhos do celular.

— A mãe mandou alguma coisa?

— Não...? — Melissa relanceia o irmão, parado ao pé do sofá. Murilo troca o peso do corpo de um pé para o outro. — Já falei, ela deve estar nas maquininhas. Daqui a pouco ela volta.

— Mel, ela *disse* que ia pra lá? — Murilo insiste, o ritmo acelerado no peito despertando-o.

— Ela disse que ia pro bingo, mas é tudo a mesma coisa.

— Que horas ela saiu ontem?

— Ah, era umas... quatro horas, eu acho. Eu estava no meu pai — Melissa diz naquele tom *blasé* com um dar de ombros.

Murilo não diz nada, só arrasta os chinelos pelo chão de cerâmica até o quarto. A cama bagunçada perdeu a magia, e Murilo se pergunta se mais tarde, quando finalmente conseguir dormir, vai voltar a sonhar com Henry Cavill ou se aquele foi um sonho de sorte. A tela celular está limpa de qualquer notificação. O relógio vira um minuto novo. Era muita falta de consideração da mãe nem se dar ao trabalho

de pegar o celular de alguém emprestado. Não era ela quem perguntava “Pra que tem celular se não me atende” e “Custa mandar uma mensagem avisando onde está”? Pois bem, ele lhe faria as mesmas perguntas assim que a encontrasse.

Murilo troca os chinelos por um par de tênis, embolsa o celular e as chaves de casa.

— Aonde você vai? — Melissa pergunta do sofá ao ver o irmão abrir a porta.

Murilo olha de esguelha para a irmã, as bolsas dos olhos ficando cada vez mais pesadas, a mão firme na maçaneta.

— Vou buscar a mãe — diz ele, resolutivo.

Ao lado de Melissa, a tela do antiquado celular de barra da mãe pisca.

— Se ela ligar, me avisa — Murilo pede, antes de passar a chave na porta.

Ele desce a ladeira dos Bananais a passos rápidos, cortando caminho pela praça dos maconheiros, onde um grupo de idosos locais se exercita na academia ao ar livre. Não são nem oito da manhã, mas o sol está quente em sua nuca, e ele começa a suar.

O bingo e a casa de máquinas caça-níquel ficam escondidos atrás da padaria 24 horas. O Olheiro conhece Murilo de quando ele acompanhou a mãe em uma rodada especial no Natal passado, valendo um carro novinho, zero quilômetro. Ele acena com a cabeça assim que o vê virar a esquina.

— Vai jogar? — pergunta ele, os olhos, típicos de um olheiro, dardejando de um lado para o outro, em busca do primeiro sinal de policiamento.

— Não, só vim buscar a minha mãe — Murilo responde, ao que o Olheiro assente.

O Olheiro dá dois soquinhos na porta de metal e Murilo ouve o zumbido de eletricidade destrancar a porta. Antes de entrar, ele nota a ausência do Volkswagen Fox branco da

mãe estacionado na rua. Ele dá de ombros, a mãe deve ter posto o carro no estacionamento, por garantia.

O bingo cheira a cigarro velho, o ar denso e pegajoso se grudando aos seus cabelos e roupas. O andar de baixo está ocupado unicamente por móveis — mesas redondas espalhadas pelo salão, rodeadas de cadeiras acolchoadas, daquelas que ainda tinham o enchimento, queimadas por bitucas de cigarro ao longo dos anos e com riscos de caneta-marcador —, e Murilo aproveita para beber água no bebedouro. Até a água de lá tem gosto ruim.

O jovem sobe os degraus saltando de dois em dois, cruza o corredorzinho e duas portas até chegar no caça-níquel. Assim como o andar de baixo, o primeiro conserva o fedor de nicotina, mas pelo menos tem ar-condicionado e exaustores. O cômodo principal possui quatro longas fileiras de máquinas, suas luzes piscando mais que sabres de luz num filme de *Star Wars*, a viciante musiquinha de videogame sobrepujando uma a outra.

Ele precisa enfiar a cabeça no começo de cada corredor, pois mesmo com seus 1,80 metro de altura, não consegue ver por cima das máquinas. Quando não encontra a mãe, precisa desviar da conversa de um antigo professor de educação física e duas mulheres idosas que não param de elogiar sua aparência e dizer coisas tipo “meu Deus, como você cresceu! Lembro de você quando era um nenezinho sem pelo no saco” antes de conseguir entrar no outro cômodo. Este é menor, mais refrigerado e tão fedido quanto os anteriores. Murilo olha ao redor, para as máquinas dispostas contra as paredes, uns cinco gatos pingados jogando obsessivamente, nenhum deles remotamente parecidos com dona Mônica.

No momento em que vê a luz do sol novamente, Murilo está tremendo, a cabeça e a corrente sanguínea pulsando. Ela deveria estar aqui. Este é o lugar para onde ela sempre vem gastar as frustrações — e dinheiro; este é seu Lugar Feliz.

— E aí, achou ela? — o Olheiro quer saber, as consoantes soando estranho por causa da goma de mascar.

Murilo passa os dedos nervosamente pelos cabelos escuros.

— Não... Ela veio pra cá ontem, não veio?

O Olheiro faz que sim com a cabeça.

— Pediu para eu comprar um maço de cigarros e tudo — diz ele.

— E você não a viu ir embora? — o jovem insiste.

— Nem vi.

Murilo suspira.

— Valeu — ele agradece.

O Olheiro se recolhe de volta para seu banquinho feito uma raposa estudando sua presa. Murilo se afasta da entrada do bingo, o celular em mãos, e para sob a marquise da padaria, ao lado de uma máquina de rotisseria que um funcionário da padaria metido em um avental vermelho começa a abastecer de frangos.

**ela n tá aqui
certeza q ela veio pra cá?**

como é q eu vo saber?

Murilo quer gritar com a irmã. Esfrega o rosto com a mão e respira fundo.

ela disse q ia pra outro bingo?

n

**mel
pelo amor de deus**

aff

como eu vou saber onde ela tá?

vc disse que ela tava no bingo

mas ela TAVA

pqp

Murilo foi uma criança sensível, um adolescente reativo, e se tornou um jovem-adulto que os amigos gostavam de chamar de oito-oitenta. Ou Murilo não sentia nada, ou sentia tudo de uma vez só. Eles não entendiam que Murilo, que cresceu o garoto gordo e gay da escola quando a palavra “bullying” não existia no vocabulário das pessoas, mas frases como “bichinha frescurenta” e “sofre que vira macho” e “se apanhar, bate de volta” e “homem que é homem não chora” eram usadas como conforto emocional, havia internalizado em sua forma adulta o código: “escolha suas batalhas”. Ele *se importava* com as coisas e as pessoas, só *escolhia* o nível de energia que desprenderia com cada uma delas, daí o “oito”. O “oitenta” acontecia quando ele não tinha tempo para racionalizar e simplesmente sentia, como agora.

O caminho de volta para casa o deixa embebedado em suor e com os batimentos a toda. Ele sente um bolo palpitante na garganta e acha que vai vomitar, embora a única coisa em seu estômago a essa altura seja resquícios de Jurupinga, Askov e Catuaba Selvagem.

Notícia ruim chega depressa, ele repetia para si mesmo a cada passo dado. *Notícia ruim chega depressa*.

Está acostumado a ver a mãe com enxaquecas fortíssimas, do tipo que a levam a tomar vários comprimidos e se trancar no quarto escuro. Mais de uma vez, presenciou o nariz da mãe sangrando devido à intensidade da dor. E se ela foi surpreendida por uma dessas dores enquanto dirigia?

Notícia ruim chega depressa.

Dona Mônica tem cinquenta e seis anos já, se esquece de algumas coisas. Tudo bem que as “coisas” das quais ela se esquece são sempre àquelas que a desagradam de algum modo, nunca sobre um sorteio do bingo ou as várias promoções dos canais da TV aberta em parceria com produtos de limpeza.

Notícia ruim chega depressa.

Enquanto sobe a ladeira dos Bananais, avista um carro branco passar devagar e solta o ar numa arfada, aliviado. Em seus pensamentos, xinga a mãe. *Pelo menos, ela chegou.* Agora, ele se permite desacelerar o passo, o corpo relaxando a ponto de Murilo recostar o ombro na parede da casa da dona Celina e fechar os olhos, inspirando e expirando devagar após a pequena maratona.

O carro branco está estacionado em frente à casa 9, do lado da casa de Murilo, mas não é o Fox de sua mãe. Ele sente como se seu coração estivesse em um estilingue. Luta contra o portão de casa até abri-lo, assistindo enquanto a filha da vizinha, recém-casada, e sua esposa saem do Uber e acenam “bom dia” para ele.

Dentro de casa o clima está fresco. Murilo tira a camiseta e a deixa sobre o braço do sofá. O volume da TV está baixo, Melissa continua com a cara enfiada na tela de seu celular. Irritado, Murilo se senta na ponta do móvel, quieto.

Ele sabe que a irmã sente sua irritação, e não demora muito até que a mais nova vire para ele, os lábios em formato de coração comprimidos.

— Tem um bingo perto da minha escola — diz ela, devagar, após o que pareceu a Murilo uma eternidade preso em cima de um muro cujos lados diziam-lhe para chorar sem parar ou ligar para a polícia, aos prantos.

Murilo cerra os olhos amendoados, usando a palma da mão para se abanar.

— Eu não disse antes porque não achei que mãe fosse pra lá — Melissa continua, enrolando uma mecha solta do cabelo loiro de volta no coque frouxo. Ela desvia os olhos. — Mas sei que ela sempre quis ir lá porque vive dizendo que bingo de cidade dá mais dinheiro.

De olhos fechados, Murilo faz que sim com a cabeça.

Melissa estuda no Tatuapé, mais próximo da estação Carrão do metrô. Ele se lembra das várias vezes — não todas, pois está cansado e a mãe fala demais sobre isso — em que a mãe reclamou que aquele bingozinho de bairro

nunca dava dinheiro alto, que só engolia seu dinheiro, que ano ímpar não era seu ano mesmo, e que com certeza aquela vagabunda da Edilene estava prendendo as máquinas depois de a mãe ter soltado os cachorros pra cima dela. Sim, aquilo fazia sentido. Uma viagem de carro de mais ou menos quarenta minutos, mais ou menos cinquenta reais de Uber, pela certeza inabalável de que a mãe está bem, que só se empolgou e esqueceu de avisar os filhos.

Cansado, Murilo põe a camiseta furada do Taz de volta.

— Bota uma roupa — diz ele para a irmã, indo até o banheiro para ajeitar o cabelo. — Você vai comigo.

Da sala, Melissa resfolega.

— Oxi. Pra quê?

— Porque — ele diz, a voz abatida ecoando do jeito que ele adora ao cantar as músicas da Ariana Grande, enquanto toma banho, por causa da acústica — eu não sei onde esse bingo fica. E você sabe.

Murilo ouve o corpo da irmã se debater no sofá, os chinelos acertar a cerâmica do chão e a irmã resmungando na escada. Depois de lavar o rosto e a boca, cheirando a camiseta em busca dos resquícios da cattinga do bingo, ele tira o celular do bolso e abre o aplicativo de viagem.

Ele devia ter tomado um banho.

Murilo ergue a barra da camiseta até o nariz, revelando a pochetinha que sua barriga magra forma quando está sentado, e o torce. Ele fede a cigarro velho.

Definitivamente devia ter tomado um banho, e trocado de roupa.

Murilo abaixa o vidro do Toyota Prius, com cheiro de carro novinho em folha, e permite que os golpes de ar poluído da cidade levem o fedor dele para longe. O motorista, um senhorzinho simpático chamado Zé Luís, oferece ligar o ar-condicionado; Murilo recusa. Ele tem a pele queimada de quem trabalhou ao ar livre por muitos anos, o peito côncavo com pelos brancos saltando pelos botões entreabertos da camisa. No banco detrás, Melissa curte a música da rádio. Por ele, iriam sem música. Murilo não gosta de barulho quando está estressado. Na verdade, ele até gosta: costuma plugar os fones, o som de My Chemical Romance ou outra banda emo dos anos 2000 explodindo nos ouvidos, enquanto faz o que quer que tenha que fazer. No entanto, ele havia esquecido os fones de ouvido em casa e não se sentia à vontade para pedir ao gentil Zé Luís para que o deixasse conectar o celular.

Como se brincasse de batata-quente, Murilo passa o celular da mãe de uma mão a outra — quanto mais tempo o aparelho permanece mudo, mais quente fica. Cada vez mais até o ponto de combustão.

— Será que a gente pode abaixar um pouco a música? — Murilo pede, o joelho subindo e descendo nervosamente.

— Claro — Zé Luís responde, para o descontentamento de Melissa, a quem a música servia como calmante.

O trajeto até a escola de Melissa, entre as estações Carrão e Tatuapé do metrô, foi rápido e silencioso. Os semáforos mantiveram a luz verde para que seguissem viagem e as pistas da avenida Radial Leste estariam livres não fosse pelos mesmos sete carros que acompanharam viagem junto dos irmãos. Nenhum deles falou. Zé Luís não tentou engatar nenhuma conversa sobre o clima, o que os levou a fazer uma viagem até uma escola pública em pleno domingo nem, Deus o abençoe, sobre política. Cinco estrelas.

Como esperado, a escola estava deserta, os portões trancados. De pé na calçada em frente às paredes pichadas, Murilo e Melissa aguardam por um minuto enquanto se orientam. O calor escalda suas peles.

— Pra onde agora? — resmunga Murilo, irritadiço devido ao sono e ao calor.

— Não lembro direito... — Melissa olha ao redor, estica o pescoço para as duas esquinas. — Acho que fica mais perto da Radial — diz ela, se dirigindo para baixo. Murilo a segue.

Eles viram à direita e esquerda, seguem reto e viram à esquerda de novo. Há mais pessoas na rua agora, estão no encontro entre a área residencial e comercial do bairro. Murilo se arrepende de não ter tomado café, mas não fala nada, apenas segue a irmã. Seus olhos lacrimejam. Ele não sabe se é pelo nervoso da incerteza de onde pode estar sua mãe, de sono ou dos dois. Limpa o canto do olho com a parte fofa da palma da mão e funga, como uma criança chorosa. Melissa relanceia o irmão.

— Você tá chorando?

— Claro que não — retruca ele. — Eu só tô cansado.

— Hm.

Murilo chuta uma garrafa de plástico no chão antes de se agachar e pegá-la. Joga-a na primeira lixeira que vê.

— Quanto tempo até chegar no bingo?

— É quase lá no Tatuapé — diz Melissa, expirando de maneira dramática.

— Por que você não disse nada? — exclama Murilo.

- Mas eu *disse* que era no Tatuapé!
- Você disse que era perto da sua escola!
- Que fica no Tatuapé! — Melissa berra, exasperada.
- Puta merda, não é à toa que a gente tá andando tanto!
- Murilo contra-ataca, aos gritos.

Eles não param de andar, Murilo e Melissa; pelo contrário, seguem um ao outro em silêncio resignado. Entre a ardência nas coxas, joelhos, tornozelos, pescoço e rosto, Murilo flagra a silhueta do shopping Tatuapé e respira profundamente.

— Fica ali naquela rua — diz Melissa tão placidamente que é como se dissesse para ninguém em especial.

Murilo engole em seco. Há uma fileira de carros estacionados ao longo da rua, prata, preto, vermelho e branco. Ele não consegue distinguir o carro da mãe entre eles. Viram na rua apontada por Melissa, mais larga e abarrotada de carros do que a anterior. Estão no centro comercial agora, com padarias, lanchonetes, mercadinhos e lojas menores. Murilo segue a irmã pela esquerda, em direção a uma porta dupla de vidro fechada.

— Certeza que fica aqui? — insiste ele.

— Sim — Melissa afirma. Ela toma a dianteira e bate à porta.

— Não tem uma campainha por aqui? — Murilo murmura consigo mesmo, esquadrinhando em volta da porta. Melissa tenta bater à porta de novo, desta vez um pouco mais insistente. — Vai com calma pra não quebrar.

— Eu só quero voltar pra casa — ela grunhe. Melissa bate de novo. — Ô! Ei, tem alguém aí dentro?

Murilo também quer voltar para casa. Quer tomar um banho, se livrar desse cheiro horrível que lhe dá dor de cabeça, e dormir por dezoito horas. Precisa saber que a mãe está bem para que possa voltar para casa, dormir e dar entrada na papelada do emprego novo. Ele precisa contar para a mãe sobre o intercâmbio, mas o celular dela pesa em seu bolso traseiro.

— Cê tá bem? — pergunta Melissa, encarando o irmão de rabo de olho, o rosto contorcido em preocupação. Sua mão está a meio caminho da porta, os nós dos dedos levemente avermelhados.

— Uhum.

— Tá...

Melissa aperta a porta mais uma vez. O som de trancas sendo abertas chama a atenção dos dois. As portas de vidro espelhado se abrem, revelando uma mulher de rosto cadavérico, pele e osso, e olhos pretos fundos. Ela olha os garotos de cima, mal-humorada.

— Que é? Estamos fechados.

Murilo e Melissa trocam um olhar. Melissa cruza os braços, nada amigável. Piscando forte, Murilo dá seu melhor sorriso, e torce para que ele seja o bastante.

— Oi — diz ele. — Desculpa o incômodo. Estamos procurando nossa mãe.

— Que parte de “estamos fechados” você não entendeu? — retruca a mulher, estalando a língua.

Melissa rola os olhos. Murilo conhece bem a irmã, já encobriu ligações e bilhetes de advertência o suficiente para saber que a garota não é do tipo que leva desaforo para casa. E nem dentro de casa, diga-se de passagem, Melissa era o Mel pelo qual a chamavam.

Murilo se põe na frente da irmã, interpondo-se entre ela e a mulher antes que a irmã possa dizer algo rude.

— Sim, eu entendi — ele assente, mantendo o sorriso no rosto. Até sorrir é custoso. — Só... sabe me dizer se essa mulher aqui esteve no bingo hoje? Por favor?

Murilo pesca o celular no bolso da bermuda e mostra uma foto da mãe para a mulher. De primeira, ela dá uma olhada superficial, sacudindo a cabeça em negativa. Ele resiste, piscando os olhos amendoados, e pressiona o aparelho no campo de visão da mulher, que bufa, ranzinza. Ela usa os dedos em pinça para aumentar a foto.

— Ela tá com esse cabelo longo mesmo? — pergunta, a voz dando sinais de incerteza.

Murilo se empertiga.

— Hã...

— Tá mais curto — Melissa intervém —, na altura do ombro.

— Ela tava aqui sim... Bateu um bingo de mil e quinhentos na mesa. Lembro dela. Deu só vinte reais de gorjeta, a miserável — reclama ela, porém, já não soa tão rabugenta. Ela se recosta na porta, os braços sobre o peito. — Vi ela saindo daqui com uma moça — alta, gorda, cabelo azul. Não sei onde foram.

Os irmãos voltam a cruzar olhares, desta vez num misto de incredulidade, alívio e esperança. Agradecem à mulher, que os dispensa com um gesto. Murilo aponta para uma lanchonete do outro lado da rua. Eles ocupam duas banquetas enquanto aguardam o café com leite e dois mistos-quentes.

— Não acredito que a gente não pensou na Silvinha — Murilo geme, exausto, inconformado com a própria desatenção. Estava tão focado em encontrar a mãe que não pensou em perguntar a sua melhor amiga. Claro que Silvinha saberia onde Mônica estava. As duas costumavam sair juntas. Vendo Melissa dar de ombros, completa: — A mãe cortou o cabelo ontem?

— Cortou. Pela primeira vez na vida ela me ouviu.

— Ficou bom?

— Ela me ouviu, então sim, né.

Mastigam em silêncio quando os lanches ficam prontos. Murilo beberica do seu café com leite. Melissa termina primeiro e pede o celular da mãe, vai ligar para Silvinha. Murilo pede que ponha no viva-voz.

Silvinha atende no segundo toque.

— Mônica, sua safada, me conta tudo! — diz ela, a voz ao mesmo tempo animada e grogue.

— Silvinha? É a Mel.

— Oi, Mel, meu amorzinho! Cê tá com a voz da sua mãe no telefone.

Melissa não agradece. Algo sobre soar como uma mulher de cinquenta e seis anos aos quinze não parece um elogio.

— Você sabe onde a minha mãe tá? — pergunta ela, indo direto ao assunto.

— Eita, menina. Ela não voltou pra casa ainda?

— Não.

— Cadê seu irmão?

— Tô aqui, Silvinha — Murilo responde.

— Ah, que bom que cês estão juntos.

— A minha mãe, Silvinha...? — Melissa a corta.

— Então, menina! Sua mãe bateu um bingão ontem no Tatuapé.

— A gente tá sabendo — diz Melissa.

— A gente veio até aqui — completa Murilo.

— Que filhos preocupaaaaados... — Silvinha pontua, bem-humorada. *Porque não é a mãe dela que está desaparecida*, Murilo pensa. — Não precisam se preocupar, não. A Mônica tá bem!

— Então você sabe onde ela tá? — interpela Murilo.

— Sei — diz ela, orgulhosa. — Tá com algum macho lá do Pollo Loco.

Melissa é quem corta o silêncio que se segue num grito fino tão alto que faz Murilo estremecer e pressionar o dedo no ouvido a fim de abafar o zumbido.

— Quê?!

— A gente foi comemorar! — diz Silvinha, num tom de quem justifica uma travessura por uma razão muito boa. — Sua mãe não batia um bingo há meses!

— Disso a gente sabe!

— Mas, Silvinha, ela bateu um bingo e foi pro Pollo Loco com o dinheiro? — Murilo pergunta, agarrando-se à mão da irmã que segura o celular, angustiado. Sua voz, como a de Melissa, escala alguns tons para acompanhar seu

desespero. — E saiu de lá com um homem desconhecido, com mil pila no bolso?!

— Mil e uns tatinhos, é.

Murilo joga os braços para o alto.

— É a puta que me pariu, viu!

— Ér... obrigada, Silvinha — diz Melissa, antes de encerrar a ligação,

Murilo está ciente do peso do olhar de Melissa sobre ele, mas está fulo da vida demais para se importar. Vira o café com leite de uma só vez, lágrimas se empoçando nos olhos, porque o café estava fervendo, porque sua mãe está desaparecida com um homem desconhecido, com dinheiro no bolso, porque ela sente dores de cabeça constante, porque sua própria cabeça está explodindo e porque ainda não contou à família sobre sua viagem, e a culpa, somada ao sono, está corroendo suas entranhas.

— O que a gente faz agora? — Melissa soa feito um passarinho quando fala, uma eternidade depois.

Murilo engole em seco, suspira.

— Agora a gente pega um Uber até São Miguel — diz ele, derrotado.

— Desde quando você tem tanto dinheiro? — ela pergunta, desconfiada.

— Desde que o Shawn Mendes cancelou o show e eu ganhei o reembolso.

— Você ia no segundo dia?

— Ia.

— Bem-feito.

Melissa

Ele podia tê-la levado ao show do Shawn Mendes, mas ele a levou? Ele também podia tê-la levado ao cinema para assistir *Cemitério Maldito* e *Turma da Mônica: Laços*, ao show do Jão — aquele do ano passado, quando ele cantou “Dança Pra Mim”, porque na turnê atual ele não canta mais — e ao do Ed Sheeran no ano passado. Havia uma série de coisas que Murilo não fazia mais com Melissa.

Sim, Murilo a levou ao show da Camila Cabello — suas cadeiras eram tão longe que mal dava para ver a cantora —, ao show do Jão — quem ela também não conseguiu ver direito porque todo mundo era mais alto do que ela — e a um ou outro filme que eles queriam muito ver. E Melissa sabia que o irmão tinha amigos, como ela tinha os seus. No entanto, ela sentia falta de fazer essas coisas com o irmão.

Murilo era o único que ficava com ela. Até não ficar mais.

Melissa não sabia se estava sendo injusta com o irmão, apenas que sentia falta dele.

E agora, dentro de um carro a caminho de um desses restaurantes/casa de show atrás da mãe perdida, também sentia medo. Medo de ficar sozinha, de que a mãe finalmente tivesse cumprido sua promessa de “arrumar um barracinho de três cômodos” que ela não precisasse limpar todo santo dia, de que Murilo tivesse passado na entrevista secreta para trabalhar na Disney e a abandonasse naquele bairrozinho periférico de São Paulo, justo ela, que sempre quis conhecer a Disney.

— Será que dá pra abaixar a música? — pede Murilo, pela segunda vez aquela manhã.

O motorista abaixa o volume, mas Melissa intervém.

— Será que dá pra trocar de rádio?

De cenho franzido, o motorista troca de rádio. Melissa não sabe o nome dele, só que tem cara de novo. Daria uns trinta e poucos, não mais que trinta e quatro para ele. As bochechas e as maçãs do rosto estão cobertas por acne, as sobrelhas desenhadas. Um par de óculos de sol espelhados estão presos no topo da cabeça. É tudo o que Melissa aprende sobre o motorista da vez.

— Mantém o volume baixo, por favor.

Ela ressurte Murilo por guardar segredo. Por que não contou a ela que tinha encontrado uma maneira de sair? Por que não espera por ela, para que ela possa ir junto? Não que quisesse trabalhar. Melissa queria viajar. Se o jeito era trabalhando, então, que seja.

— Moço, aumenta, por favor — Melissa diz, tocando o ombro do motorista.

O motorista aumenta um tiquinho.

— Abaixa — diz Murilo.

— Aumenta.

— Abaixa!

— Que cu, Murilo! Cê ficou fritando a noite inteira e agora quer silêncio? — Melissa explode, virando-se para o irmão e fitando-o com todo o ódio que há em seu corpo. Ela entende que seu ódio vem do medo, embora seja incapaz de notá-lo agora. E o medo é o maior combustível para pessoas medrosas fazerem coisas ruins, como gritar com seu irmão dentro do carro de um desconhecido ou culpar os indígenas pelo desmatamento da Amazônia.

O motorista desliga o rádio. Lá se vai a nota quase perfeita do irmão no aplicativo.

São quase dez da manhã quando chegam ao Pollo Loco, e os irmãos M sentem saudade do ar-condicionado tão logo abrem a porta para saltar do carro.

Murilo agradece ao motorista pela viagem, deseja-lhe um bom dia e bom trabalho. Melissa está de costas, ouvindo a conversa, enquanto admira a entrada do restaurante. Ela consegue entender o apelo. O restaurante imita a fachada de algo próximo a um rancho, placas de madeira gravadas e envernizadas dispostas aqui e ali. Apesar do horário, o ar cheira a almoço.

— Tá, e o que a gente vai fazer aqui, gênio? — interroga Melissa. Está cansada. Não dormiu direito a noite inteira esperando a mãe voltar. Aquela casa é grande demais para se ficar sozinha.

— Não sei — Murilo admite, igualmente cansado. Ele esfrega o rosto com a palma da mão, suspira. Dá um passo na direção da entrada do local, uma porta larga, fechada. — Isso aqui não é um restaurante? Que horas abre?

— Onze e meia.

Murilo olha, surpreso, para a irmã. Melissa havia pesquisado no carro, nada demais — a viagem estava quieta, Murilo estava quieto, e ela precisava ocupar a mente com alguma coisa para não surtar.

— Tudo isso? Caralho...

Melissa assiste o irmão se sentar no degrau do restaurante, encostar as costas nas portas de aço e fechar os olhos. Ela fica de pé por um tempo até se dar por vencida e se sentar próxima a Murilo, mas não perto demais. Ele fede, o mesmo cheiro da mãe de quando ela volta do bingo. Ainda que tenha acabado de comer, esse

cheiro de arroz, feijão e picadinho a deixam com água na boca. Enquanto esperam, retraídos, sem saber o que fazer, Melissa observa o movimento na rua: o carro com alto-falantes fazendo propaganda de um novo consultório odontológico, um grupo de pessoas vestidas em suas roupas dominicais, uns três cachorros querendo trepar em uma cadela no cio. Ao seu lado, Murilo respira devagar, os braços cruzados no peito, subindo e descendo, quietinho, os olhos meio-abertos. Dormindo.

Ela navega pelo Instagram e usa o que resta do seu pacote de dados assistindo a vídeos no YouTube, entediada. Melissa jamais teria passado do anoitecer sem que a mãe a tivesse bombardeado de mensagens e ligações. “Onde vc tá? Mamãe”. “Me ligue. Mamãe”. “Seu irmão já chegou? Mamãe.” Mônica assinava todas as mensagens, como se os filhos não tivessem seu contato salvo. Certa vez, numa festa de família em que Murilo e Melissa estavam entediadíssimos, comentaram sobre o costume da mãe e sobre como achavam a atitude fofa.

Pergunta-se o que a mãe estaria fazendo, saindo por aí sem dar satisfação, desaparecendo com montes de dinheiro no bolso, com homens estranhos — exatamente o tipo de comportamento que ela frisa a Melissa que *jamais* tenha — quando uma caminhonete estaciona em frente ao portão da garagem ao lado do restaurante. Melissa fita o carro em tediosa curiosidade. Até que vê o logo desenhado na porta do motorista.

— Ei! — grita ela, acordando o irmão no susto, que bate a cabeça na porta de aço.

O motorista da caminhonete a encara, curioso.

— É, você! — ela se levanta, espanando a sujeira da calça jeans. Para ao lado da porta do motorista. — Você trabalha aqui?

O rapaz atrás do volante não deve ter mais do que vinte anos. O cabelo raspado nas laterais, a barba bem-feita, o

sorriso lânguido de quem vê uma garota bonita chamando sua atenção. Melissa revira os olhos. Que desespero.

Ele baixa a janela do carro.

— E aí, lindeza!

Eca, pensa ela.

— Você trabalha aqui? — repete ela, firme e direta.

O motorista a olha de cima a baixo. *Eca, eca, eca, eca!*

— Trabalho... Tá procurando alguma coisa, menina?

Melissa odeia o jeito como ele a chama de “menina”. Respira fundo. Sabe que o irmão está logo atrás, encarando-a. Odeia quando dá um passo para o lado, deixando o irmão visível. Odeia que é a visão do irmão que faz com que o sorriso do rapaz vacile.

Mas precisa perguntar:

— Posso falar com algum funcionário? Alguém que tenha trabalhado no turno da noite?

A animação do motorista dá lugar a sobrancelhas unidas, cotovelo apoiado na janela, a cabeça inclinada para fora. Murilo para logo atrás de Melissa, ela sente sua mão na base de sua coluna.

— Ih, menina. Todo mundo que trabalhou no turno da noite tá em casa dormindo — responde ele. O portão da garagem abre completamente. O rapaz engata a marcha, a caminhonete treme.

— Pera aí! — ela pede. — É sobre a minha mãe, ela...

— Olha, menina — o motorista a corta, pondo o rosto para fora de novo —, você pode esperar o restaurante abrir, se quiser. Não tem ninguém do turno da noite e...

— Por favor — Melissa implora, e ela detesta implorar. Contudo, sabe que é isso o que ele quer, esse rapaz. Ele quer que Melissa implore, porque homens como ele querem as mulheres aos seus pés. Ela pode ter quinze anos, mas entende o funcionamento das coisas — a mãe e o irmão a ensinaram bem. — Por favor, se eu puder falar com alguém sobre a minha mãe... ela tá desaparecida e sei que ela veio aqui ontem. Por favor?

Ela vê as emoções perpassarem o rosto do rapaz até ele ser vencido pela paixão. Faz sinal para que os dois esperem. Entra com o carro na garagem.

— Manipuladora — Murilo a acusa, mas quando se vira para fitar o irmão, ele sorri. — Gostei de ver. Você podia ser atriz.

Melissa sente a felicidade, o orgulho de receber a aprovação do irmão. No entanto, guarda bem esse sentimento dentro de si. Sabe que ele vai embora daqui a pouco, sumir por dois, três meses, quem sabe mais. Ela viu o histórico do notebook dele enquanto fazia pesquisa para a escola. Viu as faculdades que ele pesquisou.

Ela torce o canto do lábio e olha de soslaio para Murilo.

Minutos depois, uma jovem em um avental branco de botões sai pela garagem aberta. Parece procurar por eles, pois dá um sorriso gentil assim que o vê. Ela entrelaça os dedos uns nos outros.

— Soube que estão procurando alguém? — diz ela, a voz suave, tranquila.

Melissa imediatamente simpatiza com ela.

— Nossa mãe... — responde Melissa, e antes que possa continuar, Murilo entrega seu celular com a mesma foto da mãe que mostraram à moça do bingo do Tatuapé. Melissa mostra à garota. — Ela veio aqui ontem à noite e parece que foi embora com alguém, mas até agora não voltou pra casa ou ligou.

— Estamos preocupados — Murilo acrescenta, gentilmente.

A jovem os fita brevemente, um pedido silencioso nos olhos, então pega o celular de Murilo nas mãos.

— Eu... não me lembro muito bem. Sendo honesta, eu sou ajudante da cozinha. Não vejo muito o pessoal que tá no restaurante — ela diz, o tom de quem pede desculpas. — Mas se vocês me derem uns cinco minutinhos, posso ver lá dentro com o segurança.

Ambos Murilo e Melissa assentem, ansiosos.

Os cinco minutos, na verdade, foram quase nove quando a garota retorna com o celular de Murilo.

— Ela esteve aqui ontem e ela *saiu* com um homem, parecia ter uns quarenta anos, coisa assim. Não temos acesso às imagens de vídeo, me desculpem.

— Não, não... — intervém Murilo, sorrindo um sorriso tranquilizador. — Tá tudo bem. Você já ajudou muito. Obrigado.

Ela se desculpa mais uma vez antes de retornar para o restaurante, fechando a porta da garagem.

— A gente devia voltar pra casa — Melissa fala, após um longo período em silêncio.

— O quê?

— Ah, você sabe... — Melissa faz um gesto como quem dispensa algo com a mão. — Aposto que a Mãe deve estar no motel, ou na casa de alguém, e a gente tá aqui rodando a zona leste inteira atrás dela feito dois malucos. Capaz até de ela já estar em casa.

— Você tá doida, garota? — exclama Murilo.

— Mumu, a Mãe transa — Melissa diz, calma.

— Que se foda! Eu também!

— Uau, muito maduro...

— O que eu quero dizer, caralho — Murilo enfia os dedos nos cabelos bagunçados, exasperado —, é que eu tenho a consideração de não deixar minha mãe, de cinquenta e seis anos, louca da vida atrás de mim, achando que eu fui estuprado ou morri num ataque homofóbico por aí!

Melissa estuda as feições aflitas do irmão.

— Você não tem cinquenta e seis anos — pontua ela, fazendo Murilo grunhir de ódio.

— Eu tô doido de preocupação com a nossa mãe e você fazendo *piada*!

— Eu também tô preocupada! — vocifera Melissa.

— Tô vendo!

— Vai se foder, Murilo — Melissa diz. Num acesso de fúria descontrolada, acrescenta: — Se você ficasse mais em casa

com a gente...

— É o *quê*?

Tarde demais, Melissa percebe o que diz.

— Nada — ela tenta desconversar, puxando o telefone do bolso. — Esquece.

— Agora fala!

Ela aponta para o celular no exato momento em que dona Celina atende o telefone. Salva pelo gongo. Murilo se afasta, chutando as pedrinhas da rua em frustração.

— Oi, dona Celina? A senhora não foi para a igreja?

— Ô, flor. Eu fui na missa das sete. Só liguei àquela hora porque sua mãe tinha prometido ajudar, né, e eu sei que ela não gosta de acordar cedo no domingo...

— Ah, tá, certo — Melissa a interrompe. — É... dona Celina, a senhora pode espiar aí pela janela e ver se o carro da minha mãe tá na garagem?

Ao longe, Murilo estica as orelhas para ouvir a conversa.

— Deixa eu ver aqui, menina... — Barulho de passos, cortina sendo aberta, algum cacareco caindo ao chão. — A garagem tá vazia, Mel.

— Obrigada, dona Celina.

Quando Melissa desliga o telefone, Murilo já tem o seu na palma da mão, os olhos dardejando de um lado para o outro da rua.

Melissa solta um suspiro.

— Onde a gente vai agora? — pergunta ela, nervosa.

Murilo não responde.

O destino atual deles ainda não é o 50º Distrito Policial, mas a igreja São João da Bastilha.

Quando chegam à catedral em miniatura, que ocupa quase todo quarteirão, com seu pé direito altíssimo dividido entre paredes cor-de-creme e vitrais multicoloridos, a missa de duas horas acaba de terminar e os fiéis ocupam a rua, segurando o tráfego de carros.

Os irmãos saltam do carro, indo contra a maré de homens e mulheres em suas melhores roupas que saem da igreja para dentro da construção, os olhos voando de uma cabeça a outra, tentando encontrar a mãe. Murilo sabe que a mãe não está ali, e Melissa entende que o irmão mais velho só decidiu ir até lá como um voto de confiança. Talvez a mãe deles *tivesse* ido para o motel com um desconhecido, tomado um banho, e depois corrido para a missa de domingo. O que era o sexo fora do casamento de dona Mônica em comparação à lavagem de dinheiro, as mentiras e as ofensas verbais e físicas de alguns dos demais cristãos a todos aqueles que ousavam ser diferente do conservadorismo imposto pela ignorância?

Melissa queria muito encontrar a mãe ali, sentada no meio do último banco, espremida entre os atrasados da missa, como sempre. Em parte, porque estava exausta — não havia dormido direito e toda essa busca pela cidade já havia enchido o saco dela —, em parte porque não aguentava mais os olhares de Murilo.

Desde a discussão em frente ao restaurante, Murilo a vinha olhando estranho, encarando-a de rabo de olho. Aquele olhar firme e gentil que diz “sinto que você quer me dizer alguma coisa” e “você pode confiar em mim”. Se

entregara ao pedido silencioso daquele olhar incontáveis vezes ao longo da vida. Como quando ela acidentalmente quebrou a janela do carro do seu Oswaldo, levou um menino para casa escondido da mãe para dar seu primeiro beijo, ou tomou a primeira advertência da escola por questionar a opinião unilateral e fascista do antigo professor de história. Se encontrassem logo a mãe, ela não precisaria ter a conversa que, inevitavelmente, acabaria tendo com o irmão; não abriria portas à sensibilidade e choraria sua partida iminente nem lhe perguntaria o porquê do segredo. Especialmente agora, enquanto procuram pela mãe — seria uma choradeira sem fim, com papos interrompidos por soluços e banhados a ranho sobre seus medos e inseguranças, coisa que Melissa não estava nem um pouco a fim.

— Ela não tá aqui — murmura Murilo, fazendo o sinal da cruz para o padre, de pé atrás do púlpito.

Eles procuraram por toda a igreja, e nada.

Melissa sente os ombros cederem e os olhos, pinicarem.

Não interessa o que ela quer ou deixa de querer, parece que o universo já havia determinado local e data para o show de lágrimas que se seguiria e estava somente esperando que ela assumisse seu lugar no palco.

A choradeira começa lenta, um chorinho, como um chuveiro que acaba de ser fechado.

Murilo conversa com um policial jovem demais, de olhos grandes e azuis, tão claros que lembram o céu pouco antes de amanhecer. O policial pisca para Murilo, coça a barba loira rala no queixo e engole em seco quando Murilo se perde na explicação sobre o desaparecimento da mãe — ele une as sobancelhas, põe os cotovelos no balcão, dá um sorriso sem graça, pede desculpas, diz que perdeu o fio da meada devido ao cansaço e estresse —, como se houvesse algo de charmoso na vulnerabilidade do irmão mais velho. O policial está interessado demais em Murilo para prestar atenção à sua pobre irmã mais nova, secando uma, duas, três lágrimas rebeldes com a ponta dos dedos. Murilo está concentrado demais em manter as mãos tremendo entrelaçadas — o policial bonito não pode notar o quão próximo Murilo está de quebrar antes que termine a história —, para reparar na ponta vermelha do nariz de Melissa, especialmente quando ela funga baixinho e o esfrega, deixando-o ainda mais vermelho.

— Que bom que você veio à delegacia — o policial bonito diz, após dar um pigarro, engrossando a voz e retesando os bíceps na camisa apertada. — Muita gente pensa que precisa esperar 24, 48 horas após o desaparecimento para abrir um B.O., mas isso é uma corrida contra o tempo. Cada minuto importa.

— É... — concorda Murilo, desanimado.

Melissa decide dar mais atenção ao policial e seu irmão do que à pressão sufocante em sua garganta. O policial saca uma folha de papel de algum lugar abaixo do balcão,

alcança a caneta à mão. Ele assume a posição mais profissional que Melissa vê desde que botou os olhos em seu irmão.

— Nome completo da desaparecida e idade? — pergunta.

— Mônica da Silva Barbosa, 56 — Murilo responde, e aguarda em silêncio até que o policial faça uma nova pergunta.

— Nome e telefone para contato?

— Hã... O meu é Murilo dos Santos Rosa, o telefone é... — Melissa nota a sobrelance arqueada do policial enquanto ele escreve devagar o número de Murilo. O irmão escolhe este momento para virar o pescoço para o lado, encontrando seu olhar. Melissa desvia. — É bom pôr o da minha irmã também. Vai que eu tô sem sinal...

— Certo... — murmura o policial, reticente. Ele ergue os olhos do papel para Murilo, que fita Melissa.

A garota suspira.

— Melissa de Alcântara Matias — responde ela, e dá o telefone num fôlego só.

— Que curioso...

— O quê? — rebatem os irmãos, em uníssono.

— Vocês têm tudo a mesma inicial — ele comenta, bem-humorado para alguém na posição dele numa situação como aquela. Murilo e Melissa fazem que sim com a cabeça, um meio sorriso nos lábios.

O que o jovem policial não sabia era que nem Murilo nem Melissa eram filhos do mesmo pai, que não compartilhavam o mesmo sobrenome, nem mesmo o da própria mãe — que, por considerar seu nome um nome azarado tendo em vista anos de jogatina não tão bem-sucedidos, achou melhor não passar essa “sorte” adiante. Numa distorção do pensamento oriental, no qual o nome da família era mais importante que o do indivíduo, eles sequer eram família. Contudo, Mônica se certificou que ela e os filhos — e todo e qualquer animal de estimação que eles haviam tido ao longo dos anos, até a atual gata Matilda — compartilhassem

esse vínculo nominal: todos na casa 11 da rua das Garoupas Prateadas teriam o nome M. Tradição que se estenderia por gerações mesmo após a morte da matriarca, mas essa é outra história.

— Bom, isso é tudo por enquanto — o policial forma um maço com os papéis assim que Murilo os assina. Ergue o rosto para o irmão, arriscando olhadelas para Melissa ao retornar à pose de oficial da lei. — Vamos entrar em contato assim que tivermos alguma informação. Pedimos para que fiquem próximos de seus telefones e atendam a toda ligação, ainda que de número desconhecido. Se sua mãe retornar antes, o que é uma possibilidade, também pedimos que entrem em contato para que suspendamos as investigações. Posso contar com seu telefonema, sr. Rosa?

“Se”. Melissa recebe a palavra de duas letras feito dois socos nos peitos.

— Eu preciso de ar — diz ela, correndo para fora da delegacia.

Mesmo o flerte aparentemente unilateral do policial, cujo nome Melissa adoraria ter pegado minutos atrás, com seu irmão fora incapaz de controlar o aguaceiro. Ela não era o chuveiro que acaba de ser fechado, pingando até parar — o encanamento estava quebrado e as gotas não paravam de vir, deslizando em duas riscas constantes pelo rosto até caírem na camiseta branca puída, manchando-a.

Minutos depois, ela sente uma mão tocá-la de maneira gentil e reconfortante na base das costas.

— Vamos pra casa — sussurra Murilo.

Melissa se limita a assentir; sim, casa. Ela quer ir para casa.

Matilda

A gata Matilda fora acolhida anos antes, quando Mônica ainda trabalhava no Hospital Geral do bairro vizinho. Ninguém sabe sua idade real, só que viera prenha de sua segunda ninhada. Os moradores mais jovens da casa 11 na rua das Garoupas Prateadas quiseram ficar com um filhotinho cada — o rapaz queria o preto, a garota, o branquinho com pontas cinzentas. A mãe deles argumentara que não teriam tempo para cuidar dos filhotes e que a melhor opção seria doá-los a quem interessasse. Mantiveram os filhotes de Matilda por perto até os pequeninos correrem pela casa toda e começarem a comer ração. Os jovens fizeram propaganda em suas respectivas escolas e conseguiram lares muito bons para os gatinhos. De vez em quando, a garota, Melissa, vinha com o cheiro de algum deles na roupa, e Matilda esfregava a cabeça no colo da menina, sentindo o cheirinho cada vez mais fraco de seu filhote. Era reconfortante.

No dia em que o último filhote de Matilda foi doado, ela estava sentada no sofá da sala, a cabeça apoiada nas patas frontais, os olhos tristonhos. Mônica se sentou ao lado dela após se despedir do gatinho preto, coçando-lhe no ponto atrás da orelha, o cheiro do filhote emanando da mão.

— Deve ser muito difícil se separar dos seus filhos — dissera Mônica aquele dia, os longos dedos enfiando-se na pelugem cor-de-gelo da gata. Matilda lhe deu os olhos azuis, piscou devagar. — Sinto muito fazer isso com você. Odiaria que fizessem comigo. Mas é o que diz a natureza, não é? — prosseguiu ela. — Os filhos nunca são nossos por muito tempo, eles pertencem ao mundo. Chega uma hora que a gente precisa deixar eles irem.

Matilda voltou a deitar a cabeça sobre as patas e fechou os olhos. Mônica continuou ao seu lado por horas, muito após o cair do sol. Eventualmente, Murilo e Melissa também ocuparam o sofá. Os quatro ficaram ali, assistindo as novelas das seis, das sete, o telejornal, a novela das nove, o filme após a novela. Matilda recebia carinho de cada um deles, um de cada vez. Eles cuidavam bem dela. Eles haviam cuidado de seus filhotes. Matilda tinha uma boa família. Eles se tinham, e cuidavam dos seus. Ninguém ficaria só.

Matilda estava acostumada a passar as manhãs sozinha, então não estranhou quando os irmãos saíram cedo, embora tivesse se perguntado onde estava Mônica. Ela chegava atrasada após seus plantões no Hospital Geral, a matriarca, e Matilda, que tinha adquirido o hábito de dormir no espaço vazio ao seu lado na cama, *detestava* esperar até depois que as motocicletas paravam de subir e descer a ladeira dos Bananais. Uma gata precisa de suas catorze horas de sono.

Quando a porta se abre novamente naquele domingo, o sol a pino, Matilda espera ao lado, o rabo serpenteando o ar, e mia. Melissa passa direto. Murilo agacha ao seu lado, faz carinho em sua cabeça, a chama de “rosa peluda”. Matilda ronrona.

A gata segue os jovens escada acima, ziguezagueando entre as pernas de Murilo, até as portas de seus quartos. Ela aguarda no centro do corredor, a cabeça inclinada e as orelhas girando quando os humanos conversam.

— Mumu? — pede Melissa, hesitante, de pé entre o quarto e o corredor.

Murilo fita a irmã com os olhos sonolentos.

— Hmmm?

Melissa brinca com a barra da camiseta, um tique nervoso, a cabeça baixa.

— Vem deitar aqui? — Matilda encara Melissa quando ela fala, sua voz quase um miado de tão fina que sai.

O irmão sacode a cabeça sem hesitar. Claro que sim.

Matilda pula na cama de Melissa tão logo a menina ocupa seu espaço de sempre. A gata está acostumada a dormir no canto direito da cama, longe dos pés de Melissa, que tem o

sono agitado. Murilo escala a cama da irmã, pondo o próprio celular e o da mãe na cômoda ao lado e caindo de costas no colchão duro demais de Melissa, os três tão bem acomodados quanto possível.

O edredom torna a cama muito confortável, do jeito que Matilda gosta. Ela encosta a cabeça nas canelas de Murilo — o garoto dorme na mesmíssima posição, sendo uma ótima almofada — e começa a ronronar. A gata está prestes a recuperar algumas horas de sono quando Murilo se mexe, uma anormalidade.

— Você não dormiu a noite inteira, né?

Melissa sacode a cabeça no travesseiro.

— O que você quis dizer com aquele negócio de ficar em casa? — sussurra ele, após um tempinho calado.

— Que negócio? — Melissa sussurra em resposta. Até Matilda, uma gata e, portanto, erroneamente considerada ser intelectualmente inferior aos humanos, percebe a mentira no tom da menina.

— Você sabe do que eu tô falando — replica ele.

Melissa vira o corpo de modo a fitar a parede. Vê? Ela não para quieta.

— Eu tava com sono e irritada. Não foi nada demais.

— Se fosse nada, você não teria dito.

Há tensão no ar. Matilda realmente gostaria de dormir, mas a energia entre os irmãos não a deixa. Ela mia. Melissa bufa.

— A Matilda quer sair.

A Matilda quer dormir.

— Não muda de assunto.

Melissa bufa novamente. Não fosse pela atmosfera apreensiva, Matilda poderia respirar fundo e dormir.

— É só que... — Melissa começa, mas trava. Murilo espera ela voltar a falar, em silêncio. Ela toma fôlego, como que inspirando coragem. — Eu sei que você vai deixar a gente, tá? Você cansou de ficar aqui, cansou de mim e da Mãe, e agora tá indo embora. E tô puta com isso.

— Quem disse que eu tô cansado de vocês? — retruca ele, a voz controlada, gentil.

— Tá vendo?

O quarto cai em silêncio.

— Às vezes, eu não acho que me encaixo nos lugares — Murilo revela, falando devagar. Ele está se abrindo, ela percebe. Murilo sempre pregou que era melhor falar sobre os sentimentos antes de se deixar ser consumido por eles, porém, ele mesmo raramente deixava os seus transparecer. Melissa achava que fosse porque ele era tão bem resolvido consigo mesmo e com o mundo. Talvez ela estivesse errada. — Nunca senti muita conexão com isso aqui, Mel. Não tô falando de você e da Mãe, eu amo vocês, demais. Sei lá. É só que... quando imagino meu futuro, não consigo imaginar nesse cenário.

A casa ao lado está almoçando, o tilintar dos talheres nos pratos flutuando até eles, unindo-se aos sons da avenida logo atrás. Melissa respira. Murilo suspira. Matilda bufa.

— Então você decidiu o quê, descobrir um que se encaixe? — replica Melissa aos sussurros, meio petulante. — Se você não sabe pra onde tá indo, então qualquer lugar serve. Não é isso o que você diz?

— Eu cito Lewis Carroll, mas isso serve — responde ele com leveza e uma risadinha sem humor. — O que eu quis dizer é que acho que existe um futuro pra mim longe daqui.

— Longe da gente, você quer dizer.

— Garota, você me ligou às sete da manhã pra falar que a dona Celina estava te enchendo o saco. Acha mesmo que eu conseguiria ficar longe de você, mesmo que eu quisesse? Mas nem se trocasse de número de telefone! Você é pior que a CIA.

Melissa deixa uma risadinha escapulir.

— Eu amo você, Mel — diz Murilo.

— Também te amo, Mumu — diz Melissa.

Matilda exala, satisfeita. Finalmente poderá dormir.

Melissa vira o corpo para o irmão, sacudindo a cama. Matilda espirra.

— Você já contou pra Mãe? — pergunta ela.

— Não — diz ele. — Recebi o e-mail de que tinha sido aprovado ontem. Por isso saí com a galera, para comemorar.

— Quando você embarca?

— Pedi para ir nas férias, assim não perco aula na faculdade.

— Mas você não estava procurando faculdades no exterior?

— Eita, bicha intrometida! — Eles riem juntos. Matilda já não sente a tensão do atrito entre eles, mas ainda assim torce para que fiquem quietos em breve. — Pesquisei cursos de pós-graduação por lá. Vai que rola, né?

— É... vai que...

Uma vez que o sono finalmente a abraça, Matilda não ouve o restante da conversa dos irmãos. Sabe que continuam conversando; ainda escuta o ruído de fundo, as vozes abafadas. Felizmente, parte da paz havia sido restaurada. Para a gata, aquilo era o bastante.

Mônica

Mônica era incapaz de se lembrar da última vez em que havia se divertido tanto!

Quando assistira àquela reportagem no jornal matinal sobre arrependimentos da terceira idade, Mônica riu. Seus arrependimentos foram, sem ordem específica: o dedo podre para homens, andar de motocicleta com seu amigo recém-habilitado e muito bêbado, não ter ido ao camarim do Fábio Jr. quando teve a chance, ter confiado ao pai de Melissa os ingressos ao último show do Victor & Leo quando sabia que aquele imprestável não tinha capacidade sequer de lembrar de comprar papel higiênico mesmo que estivesse com diarreia.

Ela estava feliz com a vida que tinha. Trabalhava, era mãe de dois filhos incríveis — ainda que nenhum deles fizesse trabalho doméstico sem que ela pedisse incontáveis vezes. Mônica da Silva Barbosa chegara aos cinquenta e seis anos de idade uma profissional e mãe realizada.

Ainda assim, ao assistir a reportagem, algo clicou.

Ela ainda se lembrava das palavras da entrevistada, uma senhora de noventa e dois anos, esquecida em um asilo de São Paulo pela família. “Eu trabalhei, criei meus filhos... e esqueci que era pessoa depois disso. Quando meu marido morreu, nem trepar com outros eu trepei.”

Mônica ainda era um indivíduo. Não era? Ela trabalhava com o que gostava, porque queria. Trocou o barato das motocicletas — uma vez só na vida para nunca mais, coitada — pela adrenalina de ver as bolas numeradas surgindo na tela, riscando a cartela e sujando a mão direita de caneta-marcador a cada número novo, cada vez mais perto de gritar “bingo!” e levar um dinheirinho para casa.

Uau, aquilo era sentimento. E Murilo, em seu primeiro estágio, ô menino de ouro, sempre pagava uma pizza às sextas-feiras.

Ainda assim...

Ela não estava infeliz. Frustrada, talvez. Mas *infeliz*?

Aquele cabelo sem corte a deixava incomodada. Vivia preso por causa do serviço e percebeu que o deixava preso em casa também, não por hábito, mas por vergonha. Pronto, lá estava a solução. Pediu à filha mais nova dicas de corte. Melissa fez questão de acompanhar a mãe ao cabeleireiro, escolheu o corte. Mônica deixou, embora a voz em sua cabeça pedisse que freasse a filha em prol de algo mais conservador. O resultado final havia sido um corte leve, elegante, moderno, que valorizava seu rosto e a deixava com ares sete anos mais jovem.

O que um corte de cabelo não faz.

Foi ao bingo por volta das quatro da tarde. Colocou vestido, coisa que nunca vestia a não ser em casamentos ou formaturas, borrifou o perfume mais gostoso que tinha e não ligou de ter exagerado na dose. Todos ficaram admirados com o novo visual de Mônica.

Silvinha apareceu por lá na hora do jornal, fugida dos três filhos controladores. Chamou Mônica para ir ao bingo do Tatuapé, o que a mulher considerou um sinal. Ela amava os bingos da cidade; quanto mais centralizados, melhores eram os prêmios. Usaram o carro de Mônica, pois Silvinha tinha deixado o carro em frente à casa da própria irmã para despistar os filhos.

O bingo do Tatuapé era imenso, não fedia a cigarro como o do seu bairro, e com prêmios altíssimos. Com a cartela a cinco reais cada, Mônica jogou de rachadinha com Silvinha, jogando o cabelo novo por sobre o ombro a cada olhar charmoso que os homens e mulheres do local lhe dirigiam. Na rodada principal, decidiu jogar sozinha. Ganhou mil e quinhentos reais. Dali em diante, era como se a sorte a tivesse acolhido e declarado ser sua melhor amiga para

sempre. Ganhou mais dois bingos menores e saiu do local bem depressa quando desconhecidos vieram pedir dinheiro emprestado.

Ela ia para casa, feliz e dois mil reais mais rica do que quando saía. Pediria uma pizza para dividir com os filhos. Não, pizza não. Iriam naquele restaurante italiano de família. Ou então no japonês, pediria rodízio.

Ah, que se dane — iria de japonês para o jantar e cantina italiana no almoço de domingo. Além de comer bem, não teria que lidar com a louça. Amém.

— Sabe do que eu estava com vontade, Mô? — soltou Silvinha, dentro do carro, enquanto afivelava o cinto de segurança. — De ir dançar.

Mônica gemeu em contentamento.

Sim, dançar! Há quanto tempo não saía para dançar! Melissa devia ter uns... seis, sete anos. Murilo tinha uma festinha de aniversário na casa de um colega. Isso deve ter sido... nove anos atrás? Tanto tempo assim?

Mônica engatou a primeira no carro, ligou o rádio na estação de música sertaneja, e ela e Silvinha passaram o caminho inteiro até o Pollo Loco cantando suas músicas preferidas. Mônica embromava as letras desconhecidas, cantando a última sílaba de cada palavra, apenas por diversão.

Demoraram a achar uma vaga para estacionar, mas quando entraram, soube que tomara a decisão certa. Pediram cerveja — Mônica bebeu só uma, para molhar o bico, até porque estava dirigindo —, porção de fritas, frango à passarinho, palitos de queijo. Dançaram sozinhas, juntas, acompanhadas por homens jovens, uns mais feinhos, outros mais bonitos. Imitaram a dança coreografada do grupo, Silvinha escolhendo copiar os movimentos dos homens, pois eram os melhores passos.

Ela bebia guaraná num canudinho manchado de batom vermelho — que pegara emprestado da filha sem ela saber — quando foi abordada por um homem alto, a careca

lustrosa, peitoral e bíceps que preenchiam a camisa social meio-aberta tão bem que Mônica teve de fechar as pernas. A gola da camisa e o tecido debaixo das axilas estavam suados, ele aproveitara bem a noite antes de se aproximar dela, com o sorriso maroto e antebraços cheios de veias; chegando mais perto, Mônica sentiu seu perfume e quis imediatamente lambe-la a curva de seu pescoço.

Papearam por horas, ele era ótimo de se conversar. Rômulo tinha trinta e sete anos, tão, tão mais novo do que ela. Em momento algum perguntou a idade de Mônica. Beijou sua mão ao tirá-la para dançar. Beijo seu pescoço enquanto cruzavam as pernas em um arrocha lentinho. Mordiscou o lóbulo de sua orelha, brincando com o brinco — também emprestado de Melissa, em segredo — com a língua ao convidá-la para irem a outro lugar. Cada pedaço do corpo de Mônica estava em chamas e ela suava por toda a parte.

Rômulo a levou para conhecer seu grupo de amigos do trabalho antes de irem embora — Mônica ficou igualmente feliz e aliviada ao perceber que o grupo era majoritariamente formado por mulheres. Ofereceram carona para Silvinha, mas a amiga dispensou, lançando-lhes uma piscadela nada discreta.

Foram a um motel caro na saída da ponte Aricanduva. Ele pediu para pagar pela suíte.

Rômulo, ela descobriu, era *extremamente* generoso.

Mônica transou quatro vezes naquela noite.

Ela acordou com o telefone tocando, sua mão voou até o aparelho.

— Alô? — ela balbucia, virando de bruços no colchão desconhecido.

— Sra. Barbosa? Aqui é da recepção — diz a voz feminina, um tanto robotizada, num tom de falsa animação. — Este é um telefonema-comunicado. O pernoite de vocês acaba à uma da tarde.

— Uma da tarde?

— Sim, senhora.

— E que horas são?

— Meio-dia, senhora — responde a recepcionista. — O telefonema-comunicado te dá uma hora para encerrar o seu pernoite.

— Tudo isso? — Mônica retruca, assustada.

A recepcionista pensa que o susto da hóspede se dá pela uma hora. Talvez pense que é muito tempo para terminarem de transar, tomarem banho e fazer o check out, e ninguém pode culpá-la pelos meses que equivalem a anos de trabalho na recepção daquele motel. No entanto, Mônica está mais preocupada com o horário. Meio-dia e não recebeu uma mensagem dos filhos? Uma ligação? Isso não está certo.

Quando se vira para colocar o telefone no gancho, Mônica sente a mão grande, forte e suave de Rômulo deslizar pela sua coluna, pousando sobre a lombar.

— Topa uma saideira? — sussurra ele ao pé de seu ouvido, grogue de sono e tesão.

Mônica se sente derreter por dentro.

Uma hora a mais, uma hora a menos. Não era como se os filhos estivessem preocupados com ela, mesmo.

No momento em que fizeram o check out, Rômulo entregando o cartão de crédito para a recepcionista, Mônica havia transado cinco vezes mais em uma noite do que nos últimos dez anos.

Rômulo a levou para tomar café da manhã em uma padaria. Eles comeram pão com manteiga na chapa e beberam pingado, ele puro, ela, com leite, bem clarinho. Conversaram bastante durante a refeição, rindo quando ele pontuou que deveriam estar almoçando e ela disse que seu dia não começava sem um café. À luz do dia, com o nariz adunco e o aparelho discreto nos dentes, Rômulo continua tão lindo e charmoso quanto debaixo dos efeitos de luzes do bar e da meia-luz do motel. Ele esticou a mão sobre a mesa, enlaçando os dedos aos dela. É deliberado, leve, sem pretensões. Ele gosta dela.

Na hora que se separaram — “Não, não, você já fez demais. Eu pago.” “Se dividirmos, nós dois ficaremos confortáveis, que tal?” “O.k. Mas te dou uma carona pra casa.” “Você já deu. Moro na rua debaixo.” —, Rômulo a leva até o carro e pede o número de Mônica. Ela diz os números sentindo o estômago embrulhado e a cabeça, um pouco tonta. Ele digita os números e aperta em “ligar”.

— Assim você vai saber que a última ligação é minha — diz ele com uma piscadinha.

Mônica dá uma risadinha.

Quando imaginaria que, no auge dos seus cinquenta-e-tantos anos, estaria dando risadinhas por causa de homem?

— Tá chamando — diz Rômulo, antes de encerrar a ligação.

Mônica franze o cenho.

— Ué, não tocou.

— Que estranho... O número é esse mesmo? — Ele mostra a tela de seu celular para Mônica, que assente ao confirmar

o telefone. — Hmmm... Você tem certeza de que trouxe o celular? Que não esqueceu em casa ou coisa assim?

Mônica, que procurava o telefone em cada compartimento do carro que via pela frente, estanca ante à pergunta de Rômulo.

Putá. Merda.

Rua das Garoupas Prateadas, 11
M—

Murilo está exausto de acordar com telefones tocando ao seu lado. Sua cabeça lateja, e cada pedacinho de músculo do corpo dói, especialmente das costas, do abdome e das coxas. Está a ponto de encerrar a ligação quando percebe que o toque é diferente do seu.

Já totalmente desperto, embora não livre da dor, Murilo rola até cair da cama pequena num estrondo. Ele resmunga. Quando alcança o celular sobre a cômoda, ele já parou de tocar.

Ele pega o telefone, piscando até a vista se ajustar. Não reconhece o número. É possível que seja só mais uma ligação de telemarketing; a mãe vive reclamando que ele já deveria ter cadastrado seus números naquele programa do PROCON que ela viu na TV certa vez, mas Murilo sempre deixa para depois e acaba esquecendo. Também é possível que seja um sequestrador.

Não, sequestrador não.

Porém, Mônica *havia* saído do restaurante/bar acompanhada de um estranho, o bolso cheio de dinheiro.

E se ele estivesse pedindo um resgate?

Pior, e se estivesse ligando para dar a localização do corpo?

Murilo cambaleia até o banheiro, sequer se dando ao trabalho de fechar a porta, inclina a cabeça dentro da privada e vomita. Lágrimas caem em bolhas gordas e pesadas. Melissa não pode vê-lo assim. Ele não pode pensar esse tipo de coisa. Pensamento atrai a realidade, é algo em que ele acredita, então não vai se permitir pensar em nada violento. Não, não e não. Aquela ligação era de alguém pedindo doações. Isso. Casa de Maria, GRAAC, AACD,

qualquer uma delas. Tudo estava bem. Notícia ruim chega depressa. Tudo estava bem.

Os ruídos de vômito ecoando no corredor despertam Melissa. Aos seus pés, ela sente o corpo quente de Matilda enrolado em si mesmo. O lado da cama onde Murilo dormia está vazio. *Deve ter passado mal de tanto beber*, ela pensa.

Melissa se aconchega no cantinho encostado na parede, puxando o edredom de modo que sinta que está abraçando algo. Antes que volte ao sono sem sonhos, ela se pergunta onde a mãe está. Sabe que está bem, de outro modo, já teriam tido notícia. Não teriam?

Para as mães preocupadas com os filhos, existe um único som capaz de aliviar o aperto em seus peitos. Os irmãos M descobriram, naquela tarde de domingo, que o mesmíssimo som que acalmava os nervos de dona Mônica toda vez que um deles passava do horário de chegar em casa, era igualmente tranquilizador para eles: a tranca do portão da frente sendo aberta.

Murilo ergue a cabeça do vaso sanitário, um fio de baba escorrendo pelos lábios entreabertos, e limpa os olhos chorosos com o dorso da mão.

Melissa abre os olhos, totalmente desperta, e rola para fora da cama, chutando a gata no processo. Não consegue encontrar os chinelos.

Matilda solta um miado, arqueia as costas, sapateia sobre o colchão e volta a se enrolar no emaranhado no qual o edredom de Melissa se transforma quando a garota sai em disparada pela porta. Deita a cabeça sobre as patinhas cruzadas e fecha os olhos.

Enquanto esconde o dinheiro ganhado no bingo debaixo do micro-ondas, Mônica ouve o barulho de passos apressados no andar de cima. Ela se vira bem a tempo de ver os dois filhos, os cabelos desalinhados, as caras amassadas de sono, Murilo com os olhos vermelhos. Eles estancam na escadaria, Melissa agarrando-se à barra da camiseta, Murilo incapaz de se mover.

— Oi, crianças — diz Mônica com um sorriso constrangido. Nem Murilo nem Melissa dizem uma só palavra.

— Vocês estão com uma cara... — comenta a mãe, o sorriso evoluindo para uma risada nervosa. Ela desliza pela cozinha, pega um copo do armário e o enche de água do filtro. — Dormiram bem?

— Como foi no bingo? — Melissa é quem fala, sentando-se no penúltimo degrau, os dedos ainda enrolados no tecido da camiseta.

— Ah, vocês não acreditam. Bati três bingos ontem — diz Mônica, orgulhosa. Ela vira o copo de água goela abaixo, comprime os lábios e limpa a boca com as costas da mão. — Vocês acordaram agora?

— Hã... mais ou menos agora — responde Melissa.

Mônica encontra o olhar de Murilo, ainda estático na escada. Ela sente o queixo tremer, mas logo se recupera. Melissa acompanha o olhar fixo da mãe até o irmão.

— Tá tudo bem, Mumu? — Mônica pergunta, usando o apelido de quando ele era pequeno e só os moradores da rua das Garoupas Prateadas, nº 11, ainda usavam.

Murilo não sabe responder a essa pergunta. “Está tudo bem?” é o que ele deseja perguntar a ela. “Está tudo bem você sumir a noite inteira e deixar a gente preocupado sem

uma mensagem que seja?” é o que ele quer perguntar. “Está tudo bem você me fazer achar que estava morta e que... e que... e que...” é uma pergunta que ele teme fazer.

— Então você bateu três bingos, é? — ele escolhe dizer, massageando as têmporas com os dedos.

— Uhum. — Mônica tira o montante de dinheiro do seu esconderijo, forma um leque com as notas e se abana. Melissa dá uma risadinha. Murilo mal consegue esboçar um sorriso. — O que vocês acham de a gente ir naquela cantina italiana almoçar hoje, hein? Eu pago.

Ela tá falando sério?, Murilo se pergunta.

Melissa, que assistiu preocupada ao jogo de pingue-pongue entre mãe e filho, de cenho franzido e tudo, suga os dentes e intervém:

— Espera a gente tomar banho que a gente vai.

— A gente precisa ir na delegacia antes — interrompe Murilo, fazendo Melissa fechar os olhos e soltar o ar entre os dentes. — Pra avisar que você apareceu.

Mônica sente um aperto no peito.

— Vocês foram até a delegacia? — diz ela, num fio de voz.

— Você ficou a noite inteira fora — retruca Murilo, o cansaço dando vazão a sua irritação crescente, embora mantenha a voz baixa. Em momento algum ele tira os olhos da mãe. Lágrimas voltam a se acumular em seus olhos, mas ele não se importa em deixá-las cair. Não agora. — Não levou o celular. Não ligou. O que você quer que a gente pense?

O orgulho de Mônica grita em sua mente, ordenando-lhe que exija respeito de seu próprio filho. Contudo, há dor nos olhos de Murilo. Ela vê medo e vergonha no rosto de Melissa. Tudo o que disse, Murilo disse de um lugar de sofrimento, e isso a mata por dentro. Durante toda sua vida, Mônica encarregou-se de criar seus filhos da melhor maneira que pôde — para ela, sendo a mãe superprotetora e às vezes até sufocante, significava manter toda dor e

aflição desnecessária longe dos filhos —, mas lá estava ela, errando.

Então se lembrou das palavras da velhinha da entrevista.

— Desculpa — sussurra ela, aos dois. Murilo e Melissa erguem as cabeças.

Mônica não estava errando, não de propósito.

— Eu estava empolgada e me deixei levar.

Ela estava vivendo.

— Sinto muito ter causado tanto estresse em vocês dois — suspira ela. — De verdade, me perdoem.

Não existe meio de passar por esta terra sem errar, sem causar dor ou incômodo em algum nível às pessoas ao nosso redor, por mais que se tente. O que podemos fazer é aceitar as coisas que não podem ser mudadas e trabalhar naquilo que pode ser melhorado, como reconhecer os próprios erros e pedir perdão. Mônica sabia disso, e fez questão de passar adiante para os filhos. Mãe ou filha, ela podia errar. Às vezes, o orgulho entrava no caminho e ela demorava a enxergar que, independente da sua posição como matriarca da família, ela não era detentora de todas as certezas. Porém, de uma coisa ela estava certa: ainda que eles a fizessem chamar dezenas de vezes para fazer o serviço doméstico, ainda que eles tivessem sido responsáveis por mais fios de cabelos brancos do que a tintura loura em seu cabelo permitisse que os outros enxergassem, ainda que Murilo e Melissa fossem tão diferentes entre si...

— Tá tudo bem, mãe — murmura Murilo, em meio a uma fungada.

— É — completa Melissa, um meio-sorriso nos lábios.

... ela tinha os melhores filhos do mundo.

— Então vamos lá? — anima Mônica, despachando os filhos cansados para os chuveiros. — A gente aproveita e eu conto pra vocês da noite maluca que eu tive.

— É. Não esquece que a gente precisa passar na delegacia — resmunga Murilo.

— Isso! Quem sabe agora o Murilo nota o policial gatinho que tava dando mole pra ele mais cedo — comenta Melissa deliberadamente.

— Como é? — Mônica pergunta.

— Do que você tá falando, sua doida?

— Ah, do policial loirinho que queria seu corpo — diz Melissa, como quem não quer nada. — Tenho quase certeza de que ele anotou o seu número no telefone dele.

— Aff, Melissa, *stalker* demais?

Mônica se diverte ao acompanhar a discussão dos filhos ao passo em que cada um segue para seu quarto, e então para os banheiros da casa. Em seu quarto, Mônica está prestes a descer o zíper do vestido quando ouve duas batidas na porta e Murilo entra, sem camisa, a toalha pendurada no pescoço.

— Seu celular — ele entrega o aparelho à mãe.

— Obrigada, filho.

— Alguém te ligou mais cedo... — diz Murilo, deixando a frase morrer no ar antes de se virar e fechar a porta ao sair.

Mônica reflete por alguns minutos se deve ou não ligar para Rômulo. Por fim, decide mandar uma mensagem curta. Deixa o celular ao lado do vestido, sobre a cama, e se dirige ao chuveiro.

Contato salvo. Adorei nossa noite. Bjs. Mônica

A cantina italiana do bairro vizinho está lotada e Mônica, Murilo e Melissa só conseguem uma mesa disponível porque uma outra família acaba de sair. A mesa em questão está suja de farelos, molho de tomate, queijo ralado e suco. Mônica limpa a sujeira com guardanapos antes mesmo do garçom aparecer com um pano de prato e álcool.

Tão logo a comida é posta na mesa, os três começam a comer.

— O policial era uma gracinha, viu, filho... — comenta Mônica, arrancando uma risada de Murilo.

— Acho que gosto da ideia de sair com um cara fardado — responde ele, o canto do lábio inferior preso entre os dentes.

— E vai ter tempo de sobra para aproveitar o policial Eduardo Simões antes do ano virar, hein? — cutuca Melissa, concentrada na página do Instagram do policial, sem perceber os olhos castanhos claro do irmão saltando das órbitas. — Te mandei o Instagram dele.

— Antes do ano virar? — Mônica pergunta, confusa. A mãe assiste o filho mais velho metralhar a mais nova com os olhos. Melissa finge estar alheia à situação e emboca um pedaço de frango à parmegiana.

— Ah, é... — Murilo põe os talheres sobre o prato e respira fundo. — Me candidatei a uma vaga de emprego de três meses na Disney e... passei.

Mônica pisca os olhos para o filho, meio boquiaberta.

— Mas você nem tem passaporte — diz ela, perplexa.

— Dei entrada no pedido ontem, assim que recebi o e-mail — declara Murilo, um sorriso pequeno se formando

involuntariamente. — E, de noite, meus amigos me levaram para comemorar lá na Augusta.

Mônica se volta para Melissa, que continua fingindo saber de absolutamente nada sobre aquilo.

— E desde quando você sabe disso, Mel?

Melissa bloqueia a tela do celular, fita a mãe com olhos enviesados.

— Sei que ele estava tentando a vaga desde que precisei do notebook pro trabalho final de português — Melissa desembucha. Ela lança um sorriso apologético ao irmão, que rola os olhos e sorri em resposta, enfiando um pedaço de lasanha na boca. — Ele só me contou mesmo porque a gente teve uma DR essa manhã.

— Intrometida — Murilo murmura, baixinho.

— E eu que sou a mãe descubro por último? — Mônica mascara seu desapontamento fingindo estar ofendida, mas pelo olhar compassivo do filho, ela sabe que não funciona.

— São só três meses, mãe — diz ele, simplesmente.

Como quando assistiu àquela reportagem sobre arrependimentos na terceira idade, Mônica sente algo estalar dentro de si ao ver o filho, ocupando todo o espaço da cadeira a sua frente, o rosto pálido, os ombros relaxados, comendo seu prato favorito como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Luz do sol entra pela janela, esparramando-se pela mesa abarrotada de comida, as mechas douradas no cabelo castanho claro de Murilo e o loiro acinzentado de Melissa brilhando sob a luz. Mônica engole o bolo que se forma em sua garganta.

— E como foi a *sua* noite, hein? — incita Melissa.

— É, mãe... — prossegue Murilo, as sobrancelhas dançando enquanto fala. — A gente soube que rolou uma noite de paixão tórrida com um homem desconhecido...

Mônica engasga na sua soda, em meio a uma gargalhada, surpresa.

— Como vocês estão sabendo disso? — questiona ela.

— Silvinha — os dois respondem, juntos.

— Aquela fofoqueira... — Mônica sacode a cabeça, mas dá o braço a torcer e conta tudo aos filhos. Não tudo, decide deixar os detalhes da sua vida sexual de fora, por mais que Murilo e Melissa a provoquem a falar mais sobre Rômulo — “Vocês *usaram* camisinha?” “Ele pagou?” “Ele fez oral em você?” “Eca, não preciso dessa imagem na cabeça, Murilo, que nojo!” “Nossa mãe *transa*, Me-lis-sa”.

Dentro de seu Fox branco, Mônica dirige de volta para casa pela segunda vez aquele dia, assistindo o sol descer no horizonte e colorindo o céu em tons de laranja, rosa e roxo, enquanto seus dois filhos cochilam, as cabeças deitadas no vidro do carro. Ela os vê em flagrantes pelo espelho retrovisor. Murilo, no auge dos seus dezoito anos, pronto para ir... a algum lugar — ainda que possua um destino desta vez, Mônica não pode deixar de pensar que este é o começo de um fim, os primeiros fiapos de uma corda que se esticou demais e começa a arrebentar. E ainda que Murilo volte para casa ao final dos três meses de trabalho, sente que não demorará muito até que parta novamente, quem sabe por quanto tempo da próxima vez. Do outro lado do carro, os fones bem fundos nos ouvidos, Melissa e seu coração sempre aberto, quem sabe aberto demais para o mundo em que vive. Ela sabe que, tal qual o irmão, chegará o dia em que Melissa vai seguir seu caminho, só Deus sabe para onde. Não hoje nem no ano seguinte, mas logo, logo.

Então sobra Matilda, a gata.

E ela mesma, claro.

Talvez Rômulo, por alguns tempos.

Mônica diz a si mesma que não romantizará a situação nem pensará demais nele. Gostou da noite, da manhã seguinte e vai gostar dos próximos encontros também. Entretanto, sabe que o que mais gostou daquela noite fora aquela sensação de liberdade que experimentara. Sim, pensou nos filhos aqui e ali. Também não lhe escapou que, na segunda-feira, terá um turno de trinta e seis horas

esperando por ela. Ainda assim, sentiu-se mais viva em uma noite do que em toda sua vida.

Em uma noite, Mônica fez mais por si mesma do que em dez anos, e aquela era uma sensação da qual não estava disposta a abrir mão novamente. Nunca mais.

FIM

Nota do Autor

Numa manhã de domingo em dezembro de 2019, quando o sol já estava quente o bastante para queimar a pele da nuca de qualquer um que se aventurasse a andar pelas ruas sem uma sombrinha, me deparei com a minha irmã deitada na cama, a TV ligada. Perguntei a ela o que ela estava fazendo acordada tão cedo; ela rebateu com um “Adivinha quem não voltou pra casa?”, naquele tom sarcástico que só uma adolescente de quinze anos consegue dizer.

Fora o barulho da TV, a casa estava quieta, e a garagem, vazia.

“A mãe não voltou ainda?” rebati.

E, bem... acho que já dá pra prever aonde isso tudo levou.

As coisas funcionaram de maneira muito diferente para os irmãos M. Longe de se parecer com dona Mônica, minha mãe estava onde minha irmã e eu achávamos que estaria, o que rendeu uma crise de risos pra todo mundo em casa quando chegamos juntos. Apesar de tudo, a frase da minha irmã, “Adivinha quem não voltou pra casa?”, continuou ecoando na minha cabeça até que meus dedos estivessem tecando letras, formando palavras, criando parágrafos e, por fim, pondo um ponto final em um pedaço de ficção amplamente baseado em uma frase e uma anedota familiar.

“Adivinha quem não voltou pra casa?” foi uma das coisas mais rápidas que já escrevi. Também foi uma sessão de terapia (não exatamente uma *sessão de terapia*, isso a gente só faz com profissionais certificados e autorizados); descobri coisas sobre mim e sobre minha família que, apesar de desconfiar, saber de maneira muito subjetiva, não havia tomado consciência: estamos vivendo nossas

vidas juntos hoje, mas não sabemos até quando continuaremos juntos — o ponto de ruptura vem se apresentado a nós como o canto de uma sereia, baixinho, sedutor, atraindo-nos cada um para o seu destino. Nós somos como as ondas, que colidem e se esparramam pela praia, e depois se juntam às marés e percorrem o oceano, talvez até o mundo — e ninguém sabe exatamente onde vai parar.

Um segundo ouvindo minha mãe reclamar, pela terceira vez seguida, da sua falta de sorte na jogatina; minha irmã repetindo uma música sei-lá-quantas-vezes, tão alto que faz as dobradiças da porta tremerem; o miado baixinho da gata me acordando de madrugada porque, de todas as saídas da casa, ela quer passar justamente pela minha janela às quatro e dezessete da manhã. Não só isso, mas cada piada bêbada com meus amigos, todo beliscão na bunda que trocamos ao pegar o outro desprevenido... Às vezes, seja lá por qual motivo, não nos damos conta do quanto cada um desses momentos são preciosos.

Este conto é uma declaração de amor, como suponho que tudo aquilo que eu escreva venha a ser — desta vez para todos aqueles que amo, e *especialmente* às minhas meninas. Que eu possa fazê-las se sentirem eternamente amadas, impressas no meu coração, e nas palavras desta história.

Agradecimentos

Obrigado, Mãe, por quase me fazer ter um ataque cardíaco quando não voltou pra casa aquele dia. Mas acima de tudo, obrigado por me amar, desejar o meu melhor, e ter dado o braço a torcer quando disse eu disse que queria ser escritor. Obrigado por garantir que, enquanto você viver, eu poderei viver meu sonho sob o seu cuidado e abraço gentil; e mesmo depois disso, que terei uma vida feliz com as escolhas que tomei, pois você me ensinou a sempre escolher o melhor para mim.

À minha irmã, que em nenhum segundinho dessa vida desacreditou de mim. Obrigado por me acolher por quem eu sou, por me deixar encontrar em você uma amiga (basicamente, te moldar em alguém que gosta de Disney, filmes românticos e música pop), e por chorar comigo em cada uma das minhas realizações. Eu te amo desde antes de você nascer, e vou continuar amando até virarmos lembrança.

A todos os meus amigos, desde a Marmita (houve uma época em que achei que precisávamos trocar de nome; nossos filhos *nunca* aceitarão que os pais deles fazem parte de um grupo chamado *marmita*), que foram as primeiras a lerem qualquer coisa minha e dizerem “Isso é bom!”, lá em 2009, e terem me apoiado desde então; até os mais recentes (vou chamar vocês de Village People). Obrigado por me mostrarem que sou digno de ser amado, por me darem todo o apoio do mundo em qualquer empreitada que me dê na telha, e, claro, por serem meus amigos. Aos leitores/escritores do Nyah! Fanfiction que se mostraram

verdadeiros amigos, meu muito obrigado não apenas seu carinho, mas por me ajudarem a crescer enquanto escritor. A todos vocês... Nunca achei que fosse ter *um*, hoje tenho *tantos*! Obrigado por me fazerem feliz.

Às meninas da Increasy, por acreditarem em mim e me darem uma chance. À Mari Dal Chico por amar tanto “As aventuras de Alice no País das Maravilhas” e ter me proporcionado uma experiência única que guardarei para sempre na memória.

Ao Leo Oliveira, por ter sido mais do que eu poderia imaginar. Obrigado por compartilhar tanto comigo. Obrigado por mostrar que há estrelas no céu. Que você encontre toda a felicidade que este universo pode te dar.

E, por fim, meu muito obrigado a você, leitor: por ter me dado uma chance, me permitido te fazer companhia ao longo desta leitura, e chegado até aqui. Espero que você tenha tido uma boa experiência e que possa tornar esta vivência de leitura em algo somente seu.

Obrigado por tudo e mais um pouco.

Nos vemos na próxima!

Sobre o autor

Pedro Poeira



É apaixonado por livros, séries, lasanha, e filmes da Disney. Mora em São Paulo e é formado em letras pela Universidade de São Paulo. De tanto tempo livre quando criança, hoje passa mais tempo no mundo da ficção — de que gosta mais — do que no mundo real. Já publicou os textos "I See Fire" (Revista YAWP #9, 2017), sob o pseudônimo Pedro Lazo; "Aqui Jaz João Santiago" (Wattpad, 2020); e "Quantas Novalginas Você Já Tomou Hoje?" na coletânea "As Crônicas da Unifenda" (Plutão, 2020).

Twitter: @mejackjohn